

O Imaginário da Velhice na Música Popular Brasileira (MPB)

Alberlei Schlögl
Altair Macedo Lahud Loureiro

Universidade Católica de Brasília
Brasília, DF, Brasil

RESUMO

O compositor tem a capacidade de ler o invisível, como se escutasse a linguagem coletiva que vaga em nosso inconsciente, comprovando a veracidade de suas intuições por meio da recepção do povo, daqueles milhares que cantam a poesia de suas músicas. Mergulhar nesse mundo do imaginário da Música Popular Brasileira (MPB) é conhecer os medos, as aspirações, enfim, é trazer à tona os desejos mais íntimos e mais velados do nosso povo. Procurou-se, por meio do rico material que é a nossa MPB, compreender a velhice, verificando como ela é percebida pela sociedade. Na leitura interpretativa dos poemas, tomou-se como referência as teorias do imaginário, de Gilbert Durand, a intuição do instante, de Gaston Bachelard e a teoria da complexidade, de Edgar Morin.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira; idoso; imaginário.

ABSTRACT

The Imaginarium of Old Age in Brazilian Popular Music (BPM)

The composer has the ability of reading the invisible, as if he is listening to the vague language of our collective unconscious. He can prove the truth of his insights by the reception of the people, thousands of those who sing the poetry of his songs. Diving in the imaginary world of Brazilian Popular Music (BPM) is to know people's fears and aspirations. It is also to bring out the deepest and the most hidden desires of them. It was made an attempted through the rich material that is our 'MPB' to understand old age, seeing how it is perceived by the society. The interpretative reading of the poems was done by using as reference the theory of the imagination of Gilbert Durand, the idea of the intuition of the moment from Gaston Bachelard and the theory of complexity from Edgar Morin.

Keywords: Brazilian Popular Music; elderly; imaginary.

RESUMEN

El Imaginario de la Vejez en la Música Popular Brasileña (MPB)

El compositor tiene la capacidad de leer lo invisible, como si escuchara el lenguaje colectivo que vaga en nuestro inconsciente, dando prueba de la veracidad de sus instituciones a través de la recepción del pueblo, de los millones que cantan la poesía de sus músicas. Hundirse en ese mundo del imaginario de la Música Popular Brasileña (MBP) es conocer los miedos y las aspiraciones, y identificar los deseos más íntimos y ocultos de nuestro pueblo. En este estudio, se intenta, comprender la vejez por medio de nuestra MBP, verificando la manera como ella es vista por la sociedad. Los poemas son leídos de manera interpretativa, tomando como referencia las teorías del imaginario de Gilbert Durant, la intuición del instante de Gaston Bachelard y la teoría de la complejidad de Edgar Morin.

Palabras clave: Música Popular Brasileña; vejez; imaginario.

INTRODUÇÃO

Onde e em qual momento da nossa história houve o casamento da melodia, da música considerada divina, com o falar? Certamente, o homem primitivo já cantava e dançava ao redor das fogueiras pré-históricas. Invocavam os deuses, por meio da dança e do entoar os sons sagrados, para que os ajudassem na caça e nas batalhas nas quais se envolveriam. O Xamã entoava,

e ainda hoje em muitas culturas entoa, melodias rítmicas, místicas, enquanto com seu chocalho e suas ervas expulsa os demônios, tentando restabelecer a saúde. Outras vezes, entrando em estado hipnótico, que possibilita vagar entre o mundo dos vivos e dos mortos, orienta os vivos.

Com a evolução das sociedades humanas, surgiram aqueles que vagavam de vila em vila, levando a alegria, animando as festas, cantando o amor e a dor. Eram

os menestréis, artistas populares leitores da alma popular, dos desejos, das lutas e de suas ansiedades. Diferente de Narciso, que apenas apreciava a beleza de si mesmo, aprenderam a ver em seu próprio reflexo o seu imaginário e o imaginário coletivo, este que é todo o conjunto de imagens, da relação dialógica entre elas, isto é, um repertório coerente e integrado de imagens que representam como o ser humano imagina-se no mundo, produzida pelo pensamento (Durand, 1989).

O artista expressa esse imaginário em um cenário, palco, esquema em que a letra, o poema, como um bom ator, cria o drama que se desenrola no palco do som, da música. A letra se funde à música, formando um todo muito maior e mais significativo que a soma das partes, uma *gestalt*. O público, diante da obra, vibra junto com ela, entra em ressonância. Nesta identificação, transfere seus sentimentos, ri e chora, muitas vezes libertando a alma, nem que por breves momentos, das angústias que afligem os viventes.

Hoje, a música está presente em nossas vidas de uma maneira mais constante. Com a evolução dos meios de comunicação e da tecnologia, podemos dizer que a vivemos intensamente. Como será que o processo de envelhecimento é imaginado pelos nossos novos menestréis, com suas guitarras, com seu Rock, ou mesmo com a sonora viola caipira, ou ainda, com a sanfona e o violão, ao lado de uma fogueira, tomando chimarrão?

ENVELHECIMENTO E IMAGINÁRIO

Embora o envelhecimento seja parte integrante da grande aventura humana de estar no mundo, iniciada com a junção do espermatozoide com o óvulo, a “consciência ou a aceitação do ingresso na etapa de vida considerada como velhice não é algo natural e espontâneo, a pessoa custa a se aceitar como idosa” (Loureiro, 2000, p. 21). Embora o processo de envelhecimento seja inevitável e apresente características próprias, em virtude da vida se desenrolar em um ambiente complexo, inúmeras condições levam o ser humano a processos de envelhecimento bastante diferentes.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) coloca-nos que a velhice inicia-se aos 65 anos, para países desenvolvidos, e 60 anos para países em desenvolvimento (Zimerman, 2005, p. 14) e a “a expectativa de vida da população mundial, que hoje é de 66 anos, passará a ser de 73 anos em 2025” (Zimerman, 2005, p. 13). A velhice não pode mais ser escondida e ignorada.

Durand (1989) coloca-nos que o imaginário, que subjaz todas as nossas ações, nasce no “trajeto antropológico”, que é o inevitável encontro das íntimas

pulsões do ser com o meio cósmico. Imaginário imposto, pela evolução, a todos que conseguem perceber a si mesmos como mortais e como inevitáveis presas do tempo. Pela própria definição é natural que este imaginário vá se modificando com o passar do tempo ou de acordo com as várias situações a que somos submetidos enquanto viventes. Em alguns momentos o ser pode agir heroicamente, empunhado a espada e vencendo a morte. Noutros pode apenas aspirar por um canto, embaixo de uma escada, onde possa se sentir protegido. Ainda pode dizer que o fim é apenas o começo, que a morte é o portal para vida eterna. O que não é natural é o não imaginar, o não mais estabelecer o “trajeto antropológico”, abandonar o mundo em vida.

MÉTODO

Com o intuito de perceber o imaginário da velhice, que emerge nas poesias da nossa Música Popular Brasileira (MPB), optou-se por selecionar, do cancioneiro popular nacional, algumas músicas que abordassem o tema velho/velhice. Músicas que encontraram eco no povo, onde o artista fez emergir imagens que permeiam os diversos imaginários individuais. Poesias musicadas que também possam representar os diversos tempos da vida de um homem, cantadas por jovens, mulheres e homens maduros e anciões.

Na medida em que as letras das músicas selecionadas vão sendo apresentadas, procurou-se trazer para a análise e discussão das mesmas, Durand (1989) com sua teoria do Imaginário, Morin (2008), um dos principais teóricos da complexidade, e Bachelard (2007) com a Intuição do Instante.

ANÁLISE

1 Fresno (“*Carpe Diem*”)

Transcreve-se abaixo a letra da música “*Carpe Diem*” (Fresno, 2003), a quarta faixa do primeiro CD, *Quatro livros*, do grupo formado por Lucas Silveira (vocal e guitarra), Gustavo Montovani (guitarra), Bruno Teixeira (baixo) e Pedro Cupertino (bateria) que começaram suas carreiras com o uso da Internet, gravando suas músicas apenas com violão e usando o microfone do computador. Eis a poesia:

Eu não sei por que vou envelhecer
Se é bem assim que eu quero morrer
Dormindo não vou me desfalecer
Pois quando eu for velho eu não vou mais ter
Razão pra viver, um amor pra sofrer

Pernas pra correr, uma missão pra ter
E não dá
E não dá pra imaginar
Como eu vou viver no mesmo lugar
Num asilo sem ter amigos pra contar
As coisas que eu fiz e não vou mais fazer
Porque eu envelheci
Eu devia morrer
Mas eu me esqueci
De avisar a deus
E agora eu sei que eu devo viver intensamente
Viver pra um dia eu não
Me arrepender das coisas que eu fiz
E não vou mais fazer
Daí eu já posso morrer
e agora eu sei que eu devo viver intensamente
Viver pra um dia eu não
Me arrepender das coisas que eu fiz
E não vou mais fazer
Eu já posso morrer

O título da obra dessa contemporânea banda de rock remete a uma reflexão do que eles, jovens músicos, esperam do envelhecimento; como percebem a sua própria velhice. Eles imaginam o desespero que os viventes experimentam quando percebem a si mesmos, como viajantes do tempo. Tempo que é a ferramenta para a construção da história, tempo que é testemunha da nossa finitude. Deixam ver de forma preconceituosa e negativa a velhice: “não mais ter razão para viver [...] um amor para sofrer... pernas pra correr [...] uma missão pra ter” (Fresno, 2003).

Foi Horácio (68 a.C.), em seu poema Odes, que deu luz ao termo *Carpe Diem*. “Odes” (I, 11.8) do grego odé, ‘canto’, são poemas para serem cantados com acompanhamento de um instrumento musical. “De tom elevado, estavam destinadas a exaltar a vida de um indivíduo, comemorar um feito importante ou descrever a natureza” (ENCARTA, 1993-2001).

“*Carpe Diem quam mininum crédula póstero*” (Horácio in Furlan, 2009), – que entendemos como: colhe o dia quem minimamente acredita importância no (ao) futuro – indica que é mais importante viver o instante do que pensar no futuro sombrio, que é a velhice. Na música, mostram que a velhice é o momento de perda dos sentimentos, da “razão para viver” (Fresno, 2003), das capacidades físicas e que no tempo da imobilidade é melhor morrer. Com o Rock, que é movimento e energia, eles convidam todos a viver intensamente o momento.

Esta percepção encontra ressonância nas palavras de Bachelard (2007, p.31), quando coloca que “o tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nadas”. Os autores da música estão dispostos a destruir o monstro devorador (a morte) por meio de uma atitude heróica, atitude esta que pertence ao durandiano “regime diurno das imagens” que é “pensamento contra as trevas, é pensamento contra o semantismo das trevas, da animalidade e da queda, ou seja, contra Cronos, o tempo mortal” (Durand, 1989, p. 130). Então, o imaginário que sustenta a ação musical é heróico, pois se deve matar “Cronos”, para poder viver intensamente o instante. O medo da morte nos faz preconceituosos, nos faz fugir da realidade inexorável do devir. A tentativa de reter fotograficamente o instante é redução incompatível com a complexa realidade do viver. Cada instante vivido é uma parcela da longa estrada do viver. “Afim, de que serviriam todos os saberes parciais senão para formar uma configuração que responda a nossas expectativas, nossos desejos, nossas interrogações cognitivas” (Morin, 2009, p. 116)?

Mas “não é o ser que é novo num tempo uniforme, é o instante que, renovando-se, remete o ser à liberdade ou à oportunidade inicial do devir”. (Bachelard, 2007, p. 31). Apesar da existência única do instante, do agora, algo liga esses instantes, tramando a teia, na qual todos nós estamos presos: o tempo. Tempo este que fundido ao espaço se apresenta a nossa frente como único caminho possível a trilhar, influenciado pelo caminho já trilhado.

2 Almir Sater (“*Tocando em Frente*”)

Almir Sater em entrevista para a rádio Pinhais conta como foi composta a música que apresentaremos a seguir: “*Tocando em Frente*”.

Perguntado sobre como são compostas as mais belas obras da nossa música? O que inspira os compositores a criarem estas canções que ficam eternamente em nossas vidas? Almir Sater (2009) diz:

Esse é o mistério da criação. O poeta que pega a folha em branco e não sabe quando vai vir aquela poesia maravilhosa; O escritor que vê o espaço em branco e não sabe como vai começar o livro; Com o compositor também é assim. Não sei quando vou fazer aquela música inspirada. Tem música que é mais cerebral, pensada mesmo. Meu trabalho com o Paulo Simões é assim, cerebral. Já com o Renato Teixeira é uma coisa mediúnica, parece que ele está psicografando. O “*Tocando em Frente*” veio em três minutos. Dedilhei o violão, comecei uma melodia brincando, ele saiu escrevendo e ficou pronto. Veio tão pronta que só fomos perceber

uns 90 dias depois. Foi um grande presente. Acho que nós temos uma anteninha que captou aquela frequência daquela música que estava passando pra gente. Foi um presente pra nós cantar esta mensagem muito linda. Mas acho que não temos talento para fazer uma música e letra, em três minutos, com esta profundidade. Neste caso, creio que fomos presenteados por alguma energia divina.

Eis a letra da canção “Tocando em Frente” (Almir Sater e Renato Teixeira, 1991).

Ando devagar porque já tive pressa
e levo esse sorriso, porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei,
eu nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs,
o sabor das massas e das maçãs,
é preciso amor pra poder pulsar,
é preciso paz pra poder sorrir,
é preciso a chuva para florir.

Penso que cumprir a vida seja simplesmente
compreender a marcha, e ir tocando em frente
como um velho boiadeiro levando a boiada,
eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou,
estrada eu sou

Todo mundo ama um dia todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história,
e cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,
de ser feliz

Ando devagar porque já tive pressa
e levo esse sorriso porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história,
e cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,
de ser feliz.

O autor da música reconhece que os instantes passam e, assim, passa a vida. Mas algo fica e essas lembranças se juntam aos instantes presentes em um movimento de conciliação, de síntese do bom e do mal, dos opostos, das contradições: vagariedade em oposição à pressa, amar em relação ao chorar, chegar em relação ao partir e sorrir em relação ao chorar. Estas contradições que nos remetem a novas sínteses são a expressão inequívoca de que a vida é uma eterna inconstância, sempre um vir a ser. A certeza que o instante perdido projeta a vida para o sempre novo e fresco futuro. Somente a experiência de ter vivido muitos momentos, e na complexidade da união dos

mesmos (Morin, 2009), pode-se ver os dois lados da moeda e, com isso, ser capaz de “ser feliz”.

Segundo Bachelard (2007, p. 61): “Seremos obrigados a resistir aos hábitos – esse legado de um passado defunto – a força que confere ao ser uma figura estável sob o devir novamente”. O hábito é o elo invisível que conecta os instantes fugidios com o agora, que dá a oportunidade à matéria de guardar a lembrança, as cicatrizes do viver. Ser velho significa novamente *Carpe Diem*, colher o dia. Só que este instante, esta colheita, vem maculada pelo hábito, pelas vivências, pelas histórias de vida, pois cada um “compõe a sua história” (Almir Sater e Ricardo Teixeira, 1991), constrói a sua velhice, e possui “dom de ser feliz” (Almir Sater e Ricardo Teixeira, 1991). O imaginário aqui explicitado pertence ao que Durand (1989) chamou de regime noturno da imagem, “que pode apresentar duas formações ou agrupamentos de imagens: a uma digestiva/mística [...] e outra sintética/disseminatória” (Loureiro, 2004, p. 17). O velho aqui representado não tem uma atitude de enfrentamento heróico, característica do regime diurno, buscando separar o “joio do trigo” ou, com a espada na mão, matar o monstro da morte. Busca, antes, assumindo atitude sintética/disseminatória, isto é, da (re)conciliação entre os opostos na busca do enlace da vida com a morte. (re)conciliação “que concilia intenções de luta e de aconchego, que pode conter imagens que, ao mesmo tempo, ou em tempos diferentes expressam a dualidade de intenção” (Loureiro, 2004, p. 17). Revelando um imaginário disseminatório os autores poetizam: “Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha [...] Todo mundo ama um dia todo mundo chora. Um dia a gente chega, no outro vai embora...” (Almir Sater e Ricardo Teixeira, 1991).

Nas palavras de Bachelard (2007, p. 67):

Cumprir, pois, apreender o hábito em seu crescimento para captá-lo em sua essência: ele é assim, por seu incremento de sucesso, a síntese da novidade e da rotina, e essa síntese é realizada pelos instantes fecundos.

3 Adair de Freitas (“De Já Hoje”)

Temos ainda o cantador que se recolhe no aconchego de sua morada, aquele que, cansado de lutar, apenas quer voltar para casa, quer descansar, pois “há na profundidade da fantasia noturna uma espécie de fidelidade fundamental, uma recusa de sair das imagens familiares e aconchegadoras” (Durand, 1989, p. 185), que evidenciam a antifrásia, a estrutura mística de um imaginário subjacente à letra.

De já hoje (Adair de Freitas, 2006) outra poesia que aqui transcrevemos vindo nela o imaginário subjacente a ela:

De já hoje quando estava no meu rancho
me chamaram, me pediram que voltasse
E dos rumos donde vim eu fiz retorno
na esperança de que a vida melhorasse
Juntei pilchas pelos cantos e fiz canto, pois
cantando quando vim cruzei caminhos
Nesta volta os meus sonhos de distância
trazem ânsias de rever o velho ninho

Quando vinha pela estrada de já hoje
Lá no passo esporiei o meu picaço
E na ânsia de chegar sai cantando
Nunca mais eu voltarei pra donde eu vim

De já hoje quando vinha pela estrada
regressando pro rincão onde nasci
Dentro d’alma galopeava uma saudade e a
vontade de encontrar o que perdi
Labaredas de algum fogo galponeiro, vozes rudes
de campeiros como eu
Mãos amigas me alcançando mais um mate,
realidades que a cidade não me deu

De já hoje quando ao tranco fui chegando
na porteira que eu abria quando piá

É legítimo buscar a segurança e o refúgio do lar após uma longa jornada, assim como é legítimo a criança buscar abrigo e calor nos braços da mãe. Quando o compositor refere-se ao fogo como “labaredas de um fogo galponeiro” (Adair de Freitas, 2006), sentimos o calor morno e aconchegante da fogueira, compartilhada com amigos iguais a ele, “vozes rudes de campeiros como eu” (Adair de Freitas, 2006). O fogo aconchegante no galpão é bastante diferente da labareda que limpa o terreno, lambendo os galhos secos.

Percebe-se a estrutura mítica mística do imaginário deste poeta cantador quando nos fala, lembrando o calor agradável do útero materno, daqueles momentos aconchegantes, de amizades verdadeiras. Transformar os momentos vividos nas paredes do aconchegante galpão construído junto ao seio da mãe terra, da nossa casa, do rincão aonde nascemos é a maneira de suavizar, eufemizada no imaginário antifrásico que subjaz à canção, a presença sempre certa da morte, companheira diária da jornada pela vida, que na velhice, parece – apenas parece – mais próxima.

4 Alcione (“Cajueiro Velho”)

As estruturas do imaginário não possuem hierarquia, não são boas nem ruins, não pertencem a determinada

faixa etária e, repetindo a afirmação de Durand (1989), são o “capital pensado do *Homo sapiens*”.

O que é preocupante é a desestruturação desse imaginário, é o perder a vida antes do morrer. É o não mais ser capaz de se reconhecer, projetando-se em algo não humano.

Transcreve-se abaixo a música “Cajueiro Velho”, de autoria de João Carlos, com a memorável interpretação de Alcione (1998), para nela identificarmos o imaginário que a sustenta

Cajueiro velho
Vergado e sem folha
Sem frutos, sem flores
Sem vida, afinal
Eu que te vi
Florido e viçoso
Com frutas tão doces
Que não tinha igual
Não posso deixar
De sentir uma tristeza
Pois vejo que o tempo
Tornou-te assim
Infelizmente também a certeza
Que ele fará o mesmo de mim
Já tenho no rosto
Sinais de velhice
Pois da meninice
Não tenho mais traços
Começo a vergar como tu, cajueiro
Fui teu companheiro
Dos primeiros passos
Portanto
Não tens diferença de mim
Seguimos marchando
uma só direção
Apenas me resta da vida o fim
E da mocidade a recordação

Visitando-se asilos de velhos, famílias com problemas e hospitais, por vezes encontramos aqueles que, imóveis, perdidos em devaneios, olhos fixos no nada, esperam o derradeiro fim. Fim este que, estando sempre ao nosso lado, é a condição primeira da nossa existência.

Nosso imaginário, pela perda ou desequilíbrio do movimento de troca simbiótica das coisas do ser, nossas pulsões internas, com as coisas do mundo, as pressões do meio, se desestrutura. Estando o imaginário desestruturado ou psedodesestruturado o ser não mais vê a si mesmo e nem percebe mais o mundo. Finda o “trajeto antropológico” (Durand, 1989). Quebra-se o espelho, agitam-se as águas da consciência de si mesmo

e, o ser não é mais capaz de se ver refletido nele. Nesta falta de sentido, de leitura do mundo e de si mesmo, o homem chama a morte, e roubando-a das mãos do devir, como último ato, arranca de si a vida. “Apenas me resta da vida o fim / E da mocidade a recordação...” (João Carlos e Alcione, 1998)

Mas como diz Morin (in Estrada, 2009, p. 86):

[...] a necessidade de pensar em conjunto na sua complementaridade, na sua coerência e no seu antagonismo as noções de ordem, de desordem e de organização obriga-nos a respeitar a complexidade física, biológica, humana. Pensar não é servir às ideias de ordem ou de desordem, é servir-se delas de forma organizadora, e por vezes desorganizadora, para conceber nossa realidade.

Os momentos de desordem podem ser eliciadores de momentos contraditórios a estes. Novas sínteses emergirão do aparente caos. Os antigos paradigmas serão substituídos, novas janelas de compreensão da realidade abrir-se-ão. Estamos obrigados ao novo. Afinal, como diz a canção: “o tempo não para, não para não, não para” (Cazuza, 1988).

5 Caetano Veloso (“O Homem Velho”)

Mas o ser, da mesma forma que possui o palpável presente, cria o invisível hábito (Bachelard, 2007). Hábito que imaterialmente liga os sólidos instantes. O velho vive os materiais instantes criando sua invisível história, e é nessa ambivalência que transcende a si mesmo, sempre se reinventando. De Caetano Veloso (1983), “O Homem Velho”:

O homem velho deixa a vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir
os seus sinais

O homem velho é o rei dos animais
A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas mãos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia,
soul e rock’n roll

As coisas migram e ele serve de farol
A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas

A brisa leve traz o olor fulgaz

Do sexo das meninas

Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva
do caminho de Hebron

E ao seu olhar tudo que é cor muda de tom

Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha
sem igual

Já tem coragem de saber que é imortal

Quando Edgar Morin (2008, pp. 58-59) nos diz que “a vida é um tecido mesclado ou alternativo de prosa e poesia”, entende como poesia: “aquilo que nos coloca num estado segundo: primeiramente, a poesia em si mesma, depois a música, a dança, o gozo e, é claro, o amor” e como prosa: estado primeiro, a nossa história, contada através dos instantes vividos. A poesia é como o vetor vertical da cruz, que potencializa e eleva o vetor horizontal do viver. As poesias musicadas, que chamamos aqui de música popular brasileira (MPB), tem uma força redobrada, pois casa o som puro da música com o som da poesia. Em nossa jornada no tempo, várias são as músicas que marcam essa viagem, pois “nunca houve nem haverá um povo sem música” (Souza in Freitas et al., 2006, p. 1217).

Nossos jovens do Fresno poderão encontrar na música, também, novas alternativas para o dilema crucial do viver: a morte, e, conseqüentemente, o medo do devir. Da mesma forma poderão os indivíduos com imaginários desestruturados encontrar, no reviver da sua história musical, a força reestruturadora:

[...] o indivíduo, ao ser estimulado musicalmente, dará início a um processo de compreensão e elaboração de seus sentimentos e emoções. Tais estímulos acabam por organizar, progressivamente, as funções psíquicas do indivíduo, desde as atividades mais simples às funções superiores, evoluindo até a chegada à compreensão e elaboração de seus conteúdos na linguagem verbal (Souza in Freitas et al., 2006, pp. 1217-1218).

E aqueles que já se vêem velhos podem encontrar na poesia, na música, aquele eixo que leva a transcendência, como fala Caetano (1983): “Já tem coragem de saber que é imortal”. Ou como coloca Morin (2008, p. 59) “a poesia é a estética, o amor, o gozo, o prazer, a participação e, no fundo, é a vida!”

DISCUSSÃO

Percorrendo-se os poemas das músicas aqui apresentadas, pode-se evidenciar a preocupação emergente com o passar do tempo, com o instante e com a história, complexa somatória de saberes, construída no inevitável relacionamento do homem com si mesmo e com o mundo.

Na primeira análise verificamos que as imagens que surgem do poema aglutinam-se no regime diurno das imagens (Durand, 1989). Diurno, porque fica explícito a necessidade de enfrentamento do tempo para vencer a velhice, batalha essa que é vencida por meio da vivência do instante presente.

Na canção Tocando em Frente afloram uma série de imagens apresentadas em oposição uma à outra, tão necessárias a produção, no ouvinte, da imagem que realmente o autor procurava, a síntese. Isto acontece no regime noturno das imagens (Durand, 1989) onde, diferentemente do diurno, não surgem imagens heroicas, como a de príncipes destruindo dragões. Aparecem, sim, aquelas que sugerem a eufemização do monstro devorador (Cronos). Pode-se, então, espera-lo na tranquilidade da companhia dos amigos, em torno do aconchegante calor do fogo ou transformá-lo na necessária passagem para um mundo melhor, o ponto de transcendência do “Homem Velho” de Caetano (1983).

O que não se espera é que o homem deixe de protagonizar sua própria história. Quer seja bramindo uma espada, esperando tranquilamente, transcendendo ou então encontrando a almejada síntese, em seu imaginário é ele, como parte integrante da humanidade, o principal protagonista. Quando uma árvore ou um animal de outra espécie, ou até mesmo um objeto torna-se o principal ator, o ser abandona, nessa transferência, a sua humanidade. “Começo a vergar como tu, cajueiro [...] Não tens diferença de mim” (João Carlos e Alcione, 1998).

O artista torna patente o latente imaginário que subjaz as suas ações, o seu estar no mundo. Na medida em que a consciência da inevitável passagem do tempo, da presença sempre constante da morte é apresentada e vivenciada pelo compositor e transmitida a obra de arte, esta se torna parte daquele que se identifica com aquela música, legada ao mundo pelo artista, mas que agora, cantando em uníssono, é sua.

Neste momento, em que o ouvinte canta junto com o artista acontece o NÓS. Cantor(es), compositor(es), arranjador(es), poeta(s), músicos e ouvinte se integram/entregam. As lembranças e os sentimentos que naquele instante afloram estão também no EU. Estão na complexidade da relação entre o EU e o NÓS, pois “posso inscrever um <<Nós>> em meu <<Eu>>, como eu posso incluir meu <<Eu>> em um <<Nós>>” (Morin, 2009, p. 122). Nesse instante, está o sujeito naquele momento onde pode manifestar a consciência, que “é a emergência última da qualidade do sujeito. É uma emergência reflexiva, que permite o retorno da mente a si mesma, em circuito” (Morin, 2009, p. 127).

O momento do cantar, do compartilhar, do sentir, do externar os sentimentos, do encontro entre o “Nós” e o “Eu” pode levar o indivíduo a viver o instante mágico de sentir-se pertencente a uma espécie privilegiada, protagonista da sua própria história e participante ativo de uma sociedade que “não está entregue somente, sequer principalmente, a determinismos materiais; ela é um mecanismo de confronto/cooperação entre indivíduos sujeitos, entre os <<Nós>> e os <<Eu>>” (Morin, 2009, p. 128).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As músicas marcam o tempo e os tempos, marcam a nossa história.

O artista, por meio da intuição poética, descreve os sentimentos mais recônditos da alma individual e coletiva.

Descreve em poucos versos os desejos mais íntimos e com a música penetra na sociedade, e deixa a sociedade penetrar nela; infiltrando-se no indivíduo, que nela se projeta, se encontra, se perde, e com ela constrói sua história, deixando ver o seu imaginário

Mostra que podemos ser heróicos, que podemos, misticamente nos recolher aos braços mornos do nosso lar, que podemos, dramaticamente, em síntese, convidar a vida para dançar com a morte, que podemos transformar a morte em semente da imortalidade, eufemizando-a, ou ainda, que podemos nos perder.

Mas a poesia musicada traz, também, em si mesma, a força da vida. Força esta que impregnando o ser, transforma cada instante vivido em gozo, em amor, tem a força de reestruturar a vida.

O idoso carrega em sua memória musical um grande repertório, uma grande poesia que muitas vezes precisa apenas ser revivida, resgatada como amor, que é a própria vida. A poesia musicada tem a força horizontal da história vivida, mas também, é o vetor vertical do amor, que como farol pode orientar aqueles que em um dado momento perderam-se a si mesmo.

O importante na vida é o amor. Com todos os perigos que contém. Mas isso não é o suficiente. Se o mal que sofremos e fazemos sofrer reside na incompreensão do outro, na autojustificação, na mentira a si próprio (*self-deception*) então o caminho da ética – e é aí que introduzirei a sabedoria – reside no esforço da compreensão e não na condenação, no autoexame que comporta a autocrítica e que se esforça em reconhecer a mentira para si próprio (Morin, 2008, p. 67).

Escutar novas melodias é aprender, é apreender, uma nova realidade que aflora por meio do poeta. Realidade esta que pode estar anos a frente do instante vivido. Nesse artigo foram examinadas algumas melodias do vasto repertório da nossa Música Popular Brasileira (MPB). Estas análises procuraram desvelar o imaginário ali afluído, diante da realidade do processo de envelhecimento humano. Os aspectos específicos ali evidenciados podem ser ampliados, complementados ou questionados, contribuindo para melhor entendimento do tema.

Escutar velhas melodias é visitar os tempos já vividos, trazendo para o instante presente emoções que marcaram e transformam todos aqueles momentos em algo que podemos chamar de EU. EU, construído pelo inevitável acúmulo de experiências, que em muitos momentos se contrapuseram, forçando a inevitável síntese e em outros, se somaram ou apenas se complementaram.

Tempo, que proporciona a alguns a possibilidade da longa viagem, de poder festejar seus 65 anos ou mais, mas que, proporciona também a oportunidade de viver com o outro de uma maneira diferente, mais afetiva, mais compreensiva e mais prazerosa. O “Homem Velho” pode então orientar e alertar as gerações futuras sobre os perigos do caminho, oferecendo-lhes o necessário suporte para uma boa viagem.

REFERÊNCIAS

- Bachelard, G. (2007). *A intuição do instante*. Trad. Antonio de Paula Danesi. Campinas: Versus. 107p.
- Carlos, J. (1998). Cajueiro Velho. In Alcione. *Celebração* (álbum). Gravadora Universal Music, Polygram. Disponível em: <<http://www.cifras.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2009.
- Cazuza & Brandão, A. (1988). *O tempo não para* (álbum). Gravadora: Universal. Disponível em: <<http://www.cifras.com.br/cifra/cazuza/o-tempo-nao-para>>. Acesso em: 25 jun. 2012.
- Durand, G. (1989). *As estruturas antropológicas do imaginário* (1ª ed.). Lisboa: Presença. 236p.
- Estrada, A.A. (2009). Os fundamentos da teoria da complexidade em Edgar Morin. *Akrópolis* (Umuarama), 7(2), 85-90.
- Flaco, Q.H. *Odes*. Trad. Mauri Furlan. Disponível em: <<http://www.latim.ufsc.br/Carpe%20diem.html>>. Acesso em: 13 jun. 2009.
- Freitas, A. de. (2006). De já hoje. In *O Melhor canto e encanto nativo* (álbum). Gravadora: Independente/Aati. Disponível em: <<http://www.cifras.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2009.
- Fresno. (2003). *Carpem Diem*. In *Quatro livros* (álbum independente). Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.cifras.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2009.
- Loureiro, A.M.L. (org.). (2004). *O velho e o aprendiz. O imaginário em experiências com o AT-9*. São Paulo: Zouk, 2004. 160p.
- Loureiro, A.M.L. (2000). *A velhice, o tempo e a morte. Subsídios para o possível avanço do estudo* (1ª reimp.). Brasília: Editora Universidade de Brasília. 114p.
- Morin, E. (2008). *Amor-Poesia-Sabedoria* (8ª ed.). Trad. Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 68p.
- Morin, E. (2009). *A cabeça bem-feita*. (16ª ed.). Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 128p.
- Souza, M.G.C. (2006). Musicoterapia e a Clínica do Envelhecimento. In E.V. de Freitas et al. (2006). *Tratado de geriatria e gerontologia* (2ª ed.): (pp.1216-1225). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Sater, A. (2009). Programa Mesa de Bar. Entrevista concedida a Daiane Andrade. Pinhais FM-98.3, Paraná. Disponível em: <<http://pinhaisfm.com.br>>. Acesso em: 12 maio 2009.
- Sater, A. & Teixeira, R. (1991). Tocando em frente. In *Renato Teixeira, Pena Branca e Xavantinho* (ao vivo). Tatuí, SP. Disponível em: <<http://www.cifras.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2009.
- Veoso, C. (1984). O homem velho. In *Velô* (álbum). Polygram. Disponível em: <<http://www.cifras.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2009.
- Zimmerman, G. I. (2000). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed. 229p.

Recebido em: 05.11.2011. Aceito em: 13.07.2012.

Autores:

Alberlei Schlögl – Graduação em Psicologia e Música. Pós-Graduação lato senso em Pedagogia do Ensino Superior. Mestrado em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília.

Altair Macedo Lahud Loureiro – Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (1964), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, RS (1970), mestrado em Educação pela Universidade de Brasília, DF (1976) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, SP (1993). Com Bolsa Sanduiche – França e Suíça – CAPES/MEC (1991). Aposentada da Universidade de Brasília (2001), consultora de pesquisa da NEPTI/CEAM/UnB, Conselheira do Conselho de Educação do Distrito Federal – CEDF, docente rte – doutor da Universidade Católica de Brasília. Tem experiência na área de Educação - Antropologia das Organizações, Antropologia do Imaginário e Gerontologia, atuando principalmente nos seguintes temas: imaginário, violência, velhice, asilos, arquétipo teste de nove elementos – AT-9; nas áreas de Educação e Gerontologia. Pesquisadora do CNPq.

Enviar correspondência para:

Alberlei Schlögl
Rua Pref. Eurico Pereira Pena, 580 – Retiro da Mantiqueira
CEP 71710-030, Cruzeiro, SP, Brasil
Fone: (12)3145-4486
E-mail: <alberleis@terra.com.br>